

Turismo na fronteira: sentidos e significados do turismo nas casas noturnas de Juiz de Fora¹

*Euler David de Siqueira**

Resumo:

No turismo, o centro da cultura e da sociedade costuma ser destacado contra um pano de fundo que engloba desde o normal e corriqueiro até espaços marginais, liminares, proibidos e evitáveis. Isso equivale a dizer que na periferia ou nos limiares de uma cultura habitam formas e linguagens que escapam àquilo que se compreende como fundamental à natureza do fenômeno turístico. Se os espaços percebidos como culturais, no sentido de erudição (museus, casas de cultura, patrimônio arquitetônico, ruas limpas e parques ordeiros, ditos civilizados), reinam absolutos entre os atrativos turísticos, é porque, por oposição, o repulsivo, o feio, o marginal, o sujo e o perigoso representam o que está na borda do turismo e deve ser evitado, impedindo a sujeira, a contaminação e a poluição. Tudo aquilo que não se encaixa nas belas e puras imagens turísticas construídas meticulosamente visando operar como atrativo sedutor é varrido à periferia, construído como ameaça, delimitado como perigoso, ou é reconfigurado com vias a ser ofertado como mais um dentre tantos outros bens e itens indispensáveis aos olhares atentos e curiosos de turistas em busca de distração e do pitoresco.

Palavras-chave: Turismo. Cultura. Turiscentrismo. Corpo. Fronteira.

TOURISM IN THE BORDER: SENSES AND MEANINGS OF THE TOURISM IN THE NIGHT CLUBS OF JUIZ DE FORA

Abstract:

In tourism, the center of culture and society tends to be highlighted against a background that ranges from normal, (and current things) to marginal and liminal spaces, forbidden and avoidable. That is to say that in the periphery or at the threshold of a culture there are ways beyond and languages what is understood as fundamental to the nature of the tourism phenomenon. If the cultural spaces in the sense of learning (museums, houses of culture, architectural heritage, parks and tidy streets, so-called civilized) absolute prevail among the attractions, it's because, in contrast, the repulsive, ugly, marginal, dirty and dangerous represent what is on the edge of tourism and should be avoided by preventing dirt, contamination and pollution. Anything that does not fit the pure and beautiful tourism images painstakingly built to be a seduce us swept to the periphery, constituted as a threat, defined as hazardous or reconfigured to be offered as one of many other goods and essential items to the watchful eyes and curious tourists in search of distraction and picturesque.

Keywords: Tourism. Culture. Touriscentrism. Body. Border.

TURISMO EN LA FRONTERA: SENTIDOS Y SIGNIFICADOS DEL TURISMO EN LAS CASAS NOCTURNAS DE JUIZ DE FORA

Resumen:

En el turismo, el centro de la cultura y de la sociedad sole ser señalado contra un paño de fundo que engloba desde el normal y corriente hasta espacios maginales, lineales, prohibidos y evitables. Esto equivale a decir que en la periferia o en los limiares de una cultura habitan moldes y lenguajes que escapan de lo que se comprende como fundamental a la naturaleza del fenómeno turístico. Si los espacios culturales, en el sentido de erudición (museus, casas de cultura, patrimonio arquitectónico, calles limpias y parques considerados civilizados), reinan absolutos entre los atractivos turísticos porque, por oposición, lo repulsivo, feo, marginal, sucio y peligroso representan lo que está en la margen del turismo y debe ser evitado, impidiendo la suciedad, la contaminación y la polución. Todo lo que no se encaja en las bellas imágenes turísticas construidas meticulosamente, visando operar como algo seductor es puesto a la periferia. Construido como amenaza, conocido como peligroso es reconfigurado para ser ofertado, como más un entre otros, a las miradas atentas y curiosas de turistas en busca de distracción y del pitoresco.

Palabras-clave: Turismo. Cultura. Turicentrismo. Cuerpo. Frontera.

¹ Este trabalho é apoiado pela FAPEMIG/MG.

* Cientista social pelo IFCH/UERJ, Mestre e Doutor em Sociologia e antropologia pelo IFCS/UFRJ. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Departamento de Turismo do ICH/UFJF. Pós-doutor pela Université Paris Descartes La Sorbonne, Paris, France. euler.david@uff.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Assim como a cultura, o turismo também é construído localmente². Sentidos e significados são negociados, sustentados e transformados, publicamente, sem que o conflito deixe de ser um dos fatores fundamentais em sua dinâmica. Em Juiz de Fora, MG, tenho observado há alguns anos a forma como o turismo é construído como uma narrativa ambígua, mítica em muitos casos, capaz de informar sobre distintos significados em jogo tecidos localmente. Entre discursos, relatos e falas de inúmeros atores sociais, portadores dos mais diferentes interesses, ouço muitas histórias e comentários sobre a potencialidade do turismo em Juiz de Fora, assim como de seus atrativos turísticos tradicionais.

Entre algumas dessas imagens ou representações sociais, se quiser, estão aquelas relacionadas à formação do Brasil Colônia – Estrada Real, Caminho Novo, por exemplo –, mas também aquelas voltadas aos fenômenos sociais derivados do processo de modernização da sociedade brasileira, como a ideia de Juiz de Fora como metrópole industrial – a Manchester mineira – por exemplo nas primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir da valorização do patrimônio arquitetônico – prédios de antigas fábricas que hoje cedem lugar a centros culturais e/ou museus. Em ambos os casos, Juiz de Fora é articulada, nesses discursos, como uma cidade à procura de uma identidade³, condição fundamental para se forjar o turismo na cidade.

Dentre os inúmeros discursos veiculados em um campo semântico plural e complexo, repleto de disputas, conflitos e dissensos, onde a realidade social é negociada (VELHO, 1978; ROCHA, 1979), é possível se deparar com milhares de turistas que viajam a negócios à Juiz de Fora. Turismo de negócios: relação ambígua, repleta de polêmicas. Afinal, estamos em um campo, zona ou região moral do significado onde nada está fechado. Não há nenhum problema, a princípio, ao considerar o fato de que turistas a negócios viajem à Juiz de Fora. Eles chegam, trabalham e se divertem em algum momento. Mas, quando no imaginário de Juiz de Fora se constroem imagens destacando e explicitando somente uma dimensão do turismo na cidade, aí sim estamos diante um problema de pesquisa.

² Isso não exclui a possibilidade de interações com outros sujeitos que vivem em outros contextos espaço-temporais e, ou, com as consequências de suas ações.

³ É comum, mesmo no meio acadêmico, afirmações de que Juiz de Fora, principalmente em função da distância com a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, e sua proximidade com a ex-capital brasileira, Rio de Janeiro, seja desprovida de identidade.

Dentre os muitos turistas de negócios que viajam à Juiz de Fora, uma de suas principais formas de lazer consiste em programas com garotas de programa, sobretudo, através de visitas às casas noturnas da cidade⁴. Ao que tudo indica, turistas a negócios não vêm à Juiz de Fora unicamente para frequentar casas noturnas. Mas, quando se encontram na cidade, as frequentam, pondo em movimento ideias, pessoas, representações sociais, serviços e recursos importantes à cidade. O presidente de uma organização fomentadora do turismo na cidade, por exemplo, relata, em entrevista, que “depois da missão cumprida, o turista de negócios quer encontrar algo no destino para se divertir”.

A ideia de que turistas de negócios, pelo menos uma parte deles, se divirtam com garotas de programa em seus momentos de folga surgiu em conversas com amigos juizforanos que me relatavam casos envolvendo hóspedes de alguns hotéis da cidade. O que mais me chamou a atenção naquele momento, o ano era 2005, foi a evidência de que havia, de alguma forma, algum tipo de acordo ou relação que ia além do acaso, dos hotéis com essas práticas. Os mais experientes no setor hoteleiro podem, com toda razão, me chamar de ingênuo por estar estranhando fatos que para eles sejam normais, corriqueiros e naturais. Mas era justamente meu desconhecimento relativo dos códigos simbólicos construídos nesses espaços que me permitiu um certo estranhamento e distanciamento. Assim, enquanto a maior parte das pessoas parece olhar para essa questão como nada tendo de problemático, naturalizando-a em grande parte, vejo problemas significativos.

À medida que meu conhecimento sobre a forma como o turismo era pensado em Juiz de Fora aumentava, aumentava também meu interesse em investigar as narrativas e representações em torno das casas noturnas que oferecem diversão e entretenimento - cujo atrativo principal são as chamadas garotas de programa - aos moradores da cidade e aqueles que se encontram a trabalho ou não na cidade. Garotas de programa que encontram seus clientes em casas noturnas da cidade, ou vice-versa, não são um problema para mim, e isso em muitos sentidos. Não olho essa questão, assim como também a prostituição, de um ponto de vista moral. Em outras palavras, não estou interessado em trilhar o apito nem em tomar a iniciativa, como argumenta Becker (1978, p.89). Contudo, quando articuladas ao discurso sobre a construção do turismo na cidade, pela via negativa, observo como inúmeros atores sociais se posicionam em torno dessas práticas; aí sim, tenho um problema de pesquisa.

⁴ Eles podem encontrá-las também em anúncios de jornais e em sites da cidade.

As experiências turísticas em casas noturnas, boites e *night clubs* visando a programas com garotas são uma forma de turismo inferior, moralmente incorreto ou algo decadente? Pensar casas noturnas como integrando o turismo em Juiz de Fora do ponto de vista da antropologia implica em se ir além de pensá-las como um espaço de práticas inferiores, poluidoras, pejorativas, indignas, negativas ou moralmente incorretas. É através de um olhar antropológico (GEERTZ, 1978; LAPLANTINE, 1989; ROCHA, 1986) relativizador que busco levantar a produção do significado sobre o turismo nas casas noturnas e suas contradições, lutas e conflitos. Essa perspectiva encontra eco nas considerações de Castro (1999) sobre as experiências turísticas: “Não há, portanto, uma experiência turística melhor do que outra, não há um modo privilegiado de se ver as atrações turísticas. Qualquer maneira de viajar vale a pena” (CASTRO, 1999, p.86).

Se qualquer maneira de viajar é válida, e não há experiência turística melhor do que outra, então, em si mesmo, o turismo às casas noturnas com *shows* de garotas de programa implica em uma experiência turística como qualquer outra. Mas as coisas não se dão exatamente dessa maneira. Estamos diante de um campo polissêmico cujos sentidos são ambíguos e os interesses muito diversificados. Aos poucos, então, começou-se a formar a ideia de que, longe de haver uma única forma de se fazer turismo em Juiz de Fora, classificado como oficial, moralmente correto, preferencialmente feito de dia e em locais públicos como museus, casas de cultura, praças e esquinas onde se cruzam joias do patrimônio arquitetônico da cidade, havia também um turismo feito às escondidas, pouco discutido, sem propaganda ostensiva, velado à grande parte da população, que ocorre nas noites e madrugadas em espaços privados como motéis e hotéis, e que tem, no turista de negócios, seu principal público, além, obviamente, de parte da população local.

Contrapor o turismo que estou chamando de localizado na fronteira e o turismo que é visto como estando no centro, me permite pensar como o sentido de cada uma dessas esferas necessita da outra à construção de seus significados. Enquanto grande parte das análises em turismo busca situar o fenômeno em suas faces mais pitorescas, fantásticas e amigáveis/positivas, explicitando-se somente o que é classificado como sendo belo, atraente, sedutor, único e singular, estou olhando para o que está para além do centro ou do dado positivo no turismo: a periferia ou aspectos marginais do sistema cultural classificatório do turismo em Juiz de Fora. Mais uma vez, meu objetivo com esse trabalho é

o de problematizar a forma como determinados espaços sociais e culturais ligados ao campo do turismo na cidade de Juiz de Fora, classificados preferencialmente pela via negativa, denominados genericamente de *Boites* ou *Boates*, *Night Clubs*, Casas Noturnas, etc., cujo atrativo principal são mulheres ou garotas de programa, são pensados em oposição a lugares tradicionalmente vistos como turísticos.

A princípio, busco falar de uma forma geral sobre as características das casas noturnas ou *night clubs* da cidade de Juiz de Fora sem me deter especificamente em nenhuma delas. Ao final desse trabalho, se tiver conseguido mostrar que há muito mais em jogo do que se pensa sobre esses espaços sociais, notadamente para o turismo, então, terei alcançado meu objetivo.

2 TURISMO, CULTURA E SIGNIFICADO

A compreensão do turismo e de seus agentes, turistas e não turistas, tem, na ideia de cultura, um de seus principais pilares. Se entendermos o turismo a partir de uma perspectiva cultural semiótica (GEERTZ, 1978; BARTHES, 1980; ROCHA, 1985; 1979) então, é preciso voltar-se para os sentidos e significados compartilhados e tecidos conjuntamente e localmente por turistas, moradores e agentes do turismo cujos interesses são muito variados. Compreender o turismo a partir da noção de cultura implica em se estar diante de práticas simbólicas e representações sociais também entendidas como a expressão das lógicas culturais do próprio fenômeno.

A grande parte dos analistas do turismo desconhece como a cultura nos fornece categorias, formas e maneiras de pensarmos, percebermos e agirmos no mundo. A partir da cultura, hierarquizamos, organizamos, classificamos, mapeamos e ordenamos o mundo ao estabelecermos alguma regra onde antes não havia nenhuma. É a partir da cultura que percebemos o mundo atribuindo a ele algum sentido ao mesmo tempo em que o situamos em oposição a outros elementos de um sistema (SAHLINS, 1978; DOUGLAS, 1976; ROCHA, 1985). Justamente porque estamos diante de lógicas simbólicas distintas, lentes de cores diversas, categorias de pensamento diferentes, representações sociais outras a nos fornecer quadros muito distintos daqueles que encontramos em nossas viagens, torna-se central articular a noção de cultura ao fenômeno turístico.

Dessa maneira, situamos, de forma estereotipada e preconceituosa - turiscêntrica - via hierarquia, aquilo que está à direita ou à esquerda, no alto ou embaixo, o

certo ou o errado, o bom e o mal, o fraco e o forte, o feio e o bonito, o atraente ou o repulsivo, o nômade e o sedentário, o turista e o nativo. Conhecer os limites ou as fronteiras de partes de uma sociedade pode, mapeando-as simbolicamente, acreditar, ser uma boa forma de se pensar como o turismo é construído em uma localidade assim como uma dada cultura local interfere na forma como o turismo e os turistas são vistos, pensados, tratados e imaginados.

3 TURISMO E TURISCENTRISMO

Os sentidos e significados no turismo, não importa o local, são plurais, complexos e permanentemente negociados. Por um lado, turismo me remete a um tipo de imaginário onde emergem inúmeras imagens ligadas ao mundo dos negócios, comércio, renda, dinheiro, crescimento econômico, empregos, votos. Por outro lado, turismo também me informa de pessoas diferentes, vindas de outros lugares – talvez muito mais próximos de nós do que possamos imaginar –, munidas de outras lentes, olhares e visões de mundo distintas daquelas dos habitantes da localidade. A diferença cultural não é proporcional à distância percorrida pelo turista ou viajante. Como argumenta Velho (1978), o exótico pode estar muito mais próximo e ser conhecido do que o familiar, percebido pela hierarquia e pelo viés do estereótipo. Já argumentei, em outro trabalho (SIQUEIRA, 2006a), como o turismo se constitui em um campo difuso e ambíguo de manifestação do fenômeno etnocêntrico. Esse é um novo campo de estudos e pesquisas ainda por ser trabalhado, mas que já possui uma importante ferramenta analítica à disposição dos pesquisadores.

Em grande parte, toda e qualquer cidade e ou lugar turístico aspira a ser aquilo que denominei de capital ou centro de alguma coisa (SIQUEIRA, 2006a). Procurei nomear esse aspecto do fenômeno como turiscentrismo. Sem essa relação, de superdimensionamento de algo ou alguma coisa em detrimento de outra, que é englobada pelo seu contrário (DUMONT, 1989), o turismo não chegaria a se constituir como fenômeno social cuja abrangência chama a atenção de todos e desperta, muitas vezes, conflitos, tensões e ambiguidades. E isso não quer dizer que haja nada de errado com isso.

Assim, posso explicar como centros culturais, museus, bibliotecas, casas de cultura, praças, parques, reservas naturais, paisagens, restaurantes, hotéis, eventos, feiras e exposições, enfim, tudo o que possa ser elencado como sendo significativo e singular em

detrimento da repetibilidade, são destacados de uma multiplicidade de lugares e situações e colocados em destaque e evidência no centro do mundo e, porque não, do universo simbólico de uma coletividade. Em parte, isso ajuda a explicar como turistas viajam ou se deslocam através de um tempo e espaço não normais que são morais e simbólicos, a fim de encontrar o exótico, que pode ser conhecido até certo ponto, e o familiar, que pode ser desconhecido em grande medida mesmo que estando próximo (VELHO, 1978; DAMATTA, 1978).

4 TURISMO, FRONTEIRA E CONTAMINAÇÃO

Em grande parte, defendo que a distinção lugar turístico ou atrativo turístico x lugar não-turístico reproduz a divisão que o etnocentrismo engendra entre aqueles que participam da cultura ou da humanidade, claro, principalmente em seus aspectos hierarquicamente superiores, e aqueles que participam dela em uma situação de inferioridade ou mesmo fora dos quadros do que se nomeia como humano ou cultural. Enquanto atrativos turísticos operam chamando, convidando e seduzindo turistas, casas noturnas, ainda que também operem ao seu modo o convite a turistas, viajantes e moradores, o fazem, acredito, às escondidas, de maneira velada, oculta, principalmente à noite⁵.

Estou particularmente interessado em saber se a forma como o turismo é construído como representação social na cidade de Juiz de Fora, pelo menos em suas linhas gerais, reproduz em alguma medida a ideia de que “algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social” (DOUGLAS, 1976, p.14). Nesse sentido, as casas noturnas e tudo o mais que esteja relacionado a elas, notadamente a prática da prostituição, são vistas como sujeira, confusão e desordem. Em poucas palavras, uma ameaça ao turismo tradicional e à ordem moral da sociedade. Há, em relação ao discurso de docentes, pesquisadores, políticos, moradores e outros setores da sociedade organizada, uma percepção de que nas casas noturnas nada há de turístico, ou, se há, é de uma qualidade inferior, menor e poluidora. Casas noturnas em que garotas estão disponíveis para programas

⁵ Nem sempre o que acabo de argumentar é verdadeiro. Em Juiz de Fora mesmo, pude observar, ao longo dos anos de 2003, 2004 e 2005, inúmeros *outdoors* veiculando imagens e mensagens acerca da vinda de modelos “capas de revista” específicas do universo masculino. Contudo, também é verdade que é na noite que circulam pessoas contratadas distribuindo *flyers* anunciando as atrações das casas noturnas.

representariam, segundo esse ponto de vista, uma ameaça ao desenvolvimento do turismo de bem, digno, honroso e moral na cidade.

É a partir da forma como o turismo tradicional é constituído, como valor central, que casas noturnas, localizadas nas fronteiras imaginárias e simbólicas da sociedade, ganham ares de sujeira. Segundo Douglas (1976, p.50), “sujeira, então, não é nunca um acontecimento único isolado. Onde há sujeira, há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados”. Se casas noturnas em que há prostituição são rejeitadas como integrando o turismo tradicional, então, elas podem ser tratadas como uma espécie de sujeira, sujeira essa que é rejeitada como elemento inapropriado, pois, como afirma Douglas, estamos falando de algo que não pode ser visto isoladamente e que pressupõe mesmo um sistema classificatório ideal. Se o turismo nas casas noturnas em que há *shows* com garotas de programa é visto como algo sujo, e portanto, capaz de poluir, logo, “nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais” (DOUGLAS, 1976, p.51).

Não seria nenhuma contradição, então, argumentar, a partir de Douglas, que o turismo nas casas noturnas em que há prostituição contradiz, em alguma medida, uma classificação ideal do turismo de uma maneira geral e em Juiz de Fora também. A relação que constitui o turismo e seu imaginário na cidade de Juiz de Fora se vale, muito provavelmente, como uma espécie de ordenação (DOUGLAS, 1976). O turismo dito oficial, valorizado, defendido por organismos civis e estatais, deve ser protegido e mantido longe do contato com aquilo que lhe pode trazer problemas e prejuízos, como a prática da prostituição, por exemplo. Mais uma vez, fazendo minhas as palavras de Douglas, no turismo estamos definindo limites, fronteiras, demarcando, purificando,

Pois, acredito que ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado (DOUGLAS, 1976, p.15).

Mas o turismo já é ele próprio um sistema ordenado e purificado onde oposições complementares

e relacionais se estabelecem a fim de se evitar o contágio, a contaminação e a poluição. Afinal, “qualquer estrutura de ideias é vulnerável em suas margens” (DOUGLAS, 1976, p.149). No caso específico das casas noturnas, esses espaços, seus organizadores e frequentadores podem representar uma ameaça capaz de operar como ordenadora do próprio sistema. Não há nem pode haver um olhar neutro ou natural capaz de organizar ou mapear tudo o que vemos sem que haja a intermediação do que chamamos comumente de cultura pois:

[...] parece que qualquer coisa que percebemos é organizada em padrões pelos quais nós, os observadores, somos em grande parte responsáveis. Perceber não é questão de se permitir passivamente a um órgão – digamos a visão ou a audição – que receba uma impressão já pronta de fora como uma paleta recebendo um pingo de tinta. Reconhecer e lembrar não são questões de suscitar velhas imagens de impressões do passado (DOUGLAS, 1976, p.51).

Considerar o turista como um sujeito cujo olhar e/ou percepção são operados somente em função de sua vontade e desígnio pode comprometer a forma como a percepção de todo e qualquer sujeito social, incluindo o turista, opera tendo uma cultura, representações e imaginário como papéis-chaves no que será selecionado, visto e compreendido. Dessa forma, de acordo com Douglas (1976, p.52), “grosso modo, tudo de que tomamos conhecimento é pré-selecionado e organizado no próprio ato da percepção.” Da mesma forma, “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem” (SAHLINS, 1979, p.189).

A compreensão da realidade social e do próprio turismo por parte dos sujeitos é e será sempre dependente dos esquemas cognitivos utilizados na socialização de seus membros. Nesse sentido, “a cultura, no senso comum, padronizou os valores de uma comunidade, serve de mediadora da experiência dos indivíduos. Proveem, adiantadamente algumas categorias básicas, um padrão positivo no qual as ideias e valores são cuidadosamente ordenados” (DOUGLAS, 1976, p.54). Se, como adiantou Mauss (1981), a vida social está muito mais relacionada à consciência coletiva do que as representações individuais à consciência individual, então, perceber, agir e sentir são muito mais devedoras das representações sociais do que de uma suposta vontade individual.

5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, TURISMO E CASAS NOTURNAS EM JUIZ DE FORA⁶

No site da prefeitura⁷ da cidade de Juiz de Fora, <http://www.pjf.mg.gov.br/>, é possível obter os endereços de todas ou quase todas as casas noturnas da cidade. As casas operam como espaços intermediários onde o cliente/turista encontra jovens mulheres ou garotas de programa de onde se desloca até os motéis ou hotéis da cidade⁸ a fim de realizar o programa. Para saber o que pensam alguns dos turistas de negócios que frequentam casas noturnas com *shows* de garotas de programa em Juiz de Fora, é preciso ir a campo, fazendo etnografia nas próprias casas ou recorrer aos relatos disponíveis em sites da internet. Acabei por optar pela segunda fonte nesse primeiro trabalho devido à riqueza e facilidade de se obter materiais que acabaram se convertendo em relatos etnográficos muito ricos⁹. É na Internet onde podemos encontrar um vasto material etnográfico no que diz respeito às casas noturnas em Juiz de Fora. Em um site na Internet¹⁰, quando pesquisava endereços de algumas casas noturnas, me deparei com inúmeros comentários de usuários das boites de Juiz de Fora sobre casas noturnas, suas características, a qualidade de seus serviços assim como descrições das garotas de programa e os serviços realizados por elas.

Aqueles que relatam, no site, seus encontros – chamados pelos turistas de *TD (test drive)* – são homens de negócios em viagem à Juiz de Fora e que encontram, em algum momento em que estão na cidade, notadamente à noite, mas também de dia, momentos

de lazer para realizar programas com mulheres, chamadas entre eles de GP (garotas de programa). Os relatos são reveladores do cotidiano das noites nas casas noturnas de Juiz de Fora e oferecem um material rico de sentidos e significados das práticas de seus usuários nesses lugares. Ao todo, selecionei 5 cinco mensagens postadas pelos internautas que narram seus encontros e desencontros tendo as casas noturnas e as mulheres que trabalham nesses lugares como seus objetos de atenção. Os turistas, cujos relatos selecionei na internet, tratam de diversos assuntos, desde aqueles que versam sobre a casa em que estiveram, como fizeram para encontrá-las, os serviços prestados pelas garotas, até os preços praticados, como no relato a seguir:

(1) Novamente meus compromissos de trabalho me trouxeram a Juiz de Fora. Tentei segurar a onda desta vez, porque tinha investido muito em putaria no mês passado, mas com essa chuvinha rala que vem caindo fiquei preso a semana inteira no hotel, sem alternativas de lazer. [...] decidi inspecionar o SAYONARA, que não visitava havia uns dois anos. O esquema da casa continuava o mesmo. Entrada baratinha e bebidas caríssimas. Pra mim, que só tomo água mineral, indivíduo que preza a saúde que sou, não tem muito problema, mas quem gosta de encher a lata se dá mal. Até as garotas reclamam que estão perdendo clientes para a Blitz Girl por causa disso. ARMADILHA 1. Usam até a desculpa de oferecer para a pobre coleguinha que tá com sede, pra conseguir consumir mais. Se você pagar bebida, ponha limite na quantidade logo de cara e não deixe a perva sair do seu lado. Convém também já ir dando uma dura no garçom logo que abrir a conta, avisando que só paga o que você mesmo pedir a ele pessoalmente. Já tem garotas nos queijos desde as 23h, mas a casa bomba mesmo só um pouco depois da meia-noite, quando começam os *shows*. Os melhores dias são de terça a quinta. Praticamente todas as vagabundas passam pelos queijos, oferecendo uma visão honesta da mercadoria comercializada, mas acho que elas ficam muito tempo, meia hora cada uma, o que tira um pouco o valor artístico da performance. Cheguei cedo, por volta das 22h, e parece que fui o primeiro (TN-C. Enviada: 15/11/2005).

A ideia, segundo o relato, é (que a casa noturna pretende) fazer o turista gastar o máximo possível enquanto ele permanece no ambiente consumindo bebidas para si próprio, além daquelas que pode

⁶ Juiz de Fora é uma cidade de porte médio com cerca de 500 mil habitantes, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, distante cerca de 38 Km da divisa com o estado do Rio de Janeiro, 180 Km da cidade do Rio de Janeiro, 250 Km de Belo Horizonte e 350 Km de São Paulo. A cidade possui inúmeros lugares e espaços cujos olhares, tanto de moradores quanto de turistas, podem revelar um universo inteiro ainda por ser descoberto. Entre inúmeros lugares, espaços e cenários possíveis na cidade, estão as chamadas *boites* ou *boates*, como são chamadas por seus administradores, casas noturnas, casas de *shows* ou ainda *Night Clubs*.

⁷ Para todos os efeitos, não estou aprovando nem desaprovando a veiculação desses estabelecimentos em um site oficial da prefeitura, mas apenas mostrando como me enganei ao pensar que lugares como esses não seriam divulgados amplamente por estarem sujeitos a um tipo de sanção moral mais rígida. Da mesma forma, é possível achar vários endereços de casas noturnas em um outro site de amplo acesso. Acesso em 04 fev. 2007, disponível em <<http://www.acesa.com/cgi-bin/jfmapas/jfmapasconsdet?s=163>>.

⁸ Também é possível encontrar informações sobre garotas de programa nos jornais da cidade, na parte sobre classificados, assim como com taxistas ou com os *books* disponíveis em alguns hotéis da cidade.

⁹ Também optei por essa forma de abordagem devido ao receio, num primeiro momento, de ingressar em casas noturnas da cidade.

¹⁰ Disponível em: <www.gpguia.net>. Acesso em: 04 fev. 2007.

eventualmente pagar para mulheres com quem conversa ou negocia o programa. O turista reclama dos preços praticados pelas casas; informa sobre o valor cobrado pelo programa com a mulher assim como o valor de determinados produtos consumidos tipicamente nesses espaços. Outro fato importante diz respeito à relação que os turistas de negócios estabelecem com taxistas. Em grande parte, taxistas são profundos conhecedores e agentes fundamentais na intermediação dos esquemas que envolvem as casas noturnas, motéis e garotas de programa:

(2) Estive em Juiz de Fora a (sic) umas duas semanas atrás. A cidade é famosa pela mulherada, mas honestamente não vi nada de interessante. Fui a esta boate, justamente na noite onde foi (ou iria, pois não vi) a filha da Gretchen. A entrada, por causa deste *show* seria de R\$ 10,00, mas normalmente é free. A casa é grande, tem *show* direto, com três “go go girls”. A bebida é bem cara, Não saí com ninguém, mas o esquema da casa é, R\$ 40,00 para tirar a garota da casa (não tem quartos), e o programa na faixa de R\$ 100,00 a R\$150,00 dependendo de conversa. Não sei se voltaria lá, pois não vi nenhuma garota que valesse a pena. Qualquer taxista sabe o endereço. Boa sorte. (Enviada: 14/07/2004)¹¹

(3) 😊Pessoal, 😊(TD atrasado) venho relatar uma experiência que tive em Juiz de Fora—MG, fui a trabalho, a empresa que trabalho é em SP fui prestar serviço lá e já tinha uma galera daqui lá daí eles me levaram para o ritual do iniciante em JF conhecer o Sayonara, ou melhor a Patrícia. [...] a cidade é muito farta de mulher bonita e gostosa e como o índice de bichonas é grande elas ficam super interessadas em gente nova e que goste da fruta obviamente (Enviada: 29/08/2004)¹².

Os relatos, falas e discursos dos turistas de negócios explicitam que sua viagem se deu em função do trabalho. E é justamente após o trabalho ou ainda após uma viagem longa e cansativa que o turista de negócios busca nos programas com mulheres uma forma de lazer. Viagem, trabalho e responsabilidade se relacionam com lazer, prazer e diversão. São categorias que se ligam em uma totalidade por isso mesmo capaz de instaurar e possibilitar a emergência do significado do programa. A atividade do trabalho é, em geral, vista

como cansativa ou desprovida de aventura, prazer e liberdade como o seguinte relato:

(4)Estive a pouco tempo nessa gloriosa cidade mineira a trabalho, e a noite resolvi percorrer o circuito, iniciando no sayonara (no centro) e depois me dirigindo a blitz girls (na saída para br, defronte a um motel) ambas casas fraquíssimas, tanto em quantidade quanto em qualidade de gatas, acabei ficando no 0x0; tem algum lugar melhor para ir ou eu é que dei azar? (Numa boa. Enviada: 17/11/2006)

(5) Pessoal, Estive em Juiz de Fora à (sic) trabalho também e sabe quando vc viajou o dia inteiro e o que vc quer mesmo é aquela massagem, né. Pois então vamos ao TD, estive folheando o jornal da cidade e achei um anúncio de MASSAGENS ERÓTICAS e o número não me lembro, liguei pra GP e já pelo tel percebi que não era aquelas coisas, mas como as aparências enganam, resolvi tentar (Enviada: 05/11/2004).

Através dos relatos dos turistas, estabelecem-se oposições simbólicas significativas, ao opor trabalho como obrigação, imposição e cansaço aos programas, vistos como uma aventura prazerosa em que os sujeitos são mais autônomos, inclusive por poderem escolher as garotas com quem farão o programa. Nesse sentido, por estarem longe de seus locais de moradia pela via do trabalho, o que os permitiria fazer programas com garotas sem ser incluídos em uma categoria perigosa, não correm o risco de ser pegos ou identificados em suas escapadas noturnas, pelas esposas.

Outra categoria importante da relação é a forma como os turistas tomam conhecimento das casas noturnas assim como das garotas mais disputadas. De fato, o turista não pode, mesmo estando em uma situação de dominação relativa por pagar o programa, sobredeterminar a relação que mantém com a garota de programa. Em muitas ocasiões, o turista tem seu programa frustrado quando a garota opta por outros clientes. É importante observar como turistas de negócios classificam as mulheres que fazem programas nas casas noturnas em duas classes distintas, pelo menos. De um lado, estão aquelas chamadas de feias, moceiras ou barangas. De outro, aquelas que chamam de lindas, bonitas e gostosas. Essas últimas são as mais disputadas, cujo valor do programa também é mais elevado. Uma ida a uma casa noturna não necessariamente quer dizer que o turista encontrará uma mulher de sua preferência e muito menos que fará o programa.

¹¹ Disponível em: <www.gpguia.net>. Acesso em: 04/02/2007.

¹² Disponível em: <www.gpguia.net>. Acesso em: 04/02/2007.

Entre turistas de negócios, também circulam ideias sobre as garotas de programas e suas formas de fazer o programa. Há garotas de programas que marcam o tempo contratado ao mesmo tempo em que atendem seus celulares em vários momentos do programa. Isso parece aborrecer alguns de seus clientes que, em seus relatos, dão dicas de quais garotas evitarem. Há também mulheres que consomem vários produtos de alto valor nas casas noturnas ou nos motéis como estratégia de aumentar seus ganhos. Contudo, os turistas conseguem perceber essas estratégias, compartilhando-as com outros frequentadores, criando uma verdadeira cartilha de como sair na noite sem ser passado para trás pela casa noturna, pelos motéis e pelas garotas de programa. Mais uma vez, estamos na presença de uma arena ou campo onde o significado é polissêmico, construído e compartilhado e o conflito pode se dar a qualquer momento.

6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ORGANIZAÇÕES E CASAS NOTURNAS EM JUIZ DE FORA

A fim de buscar representações, categorias e ideias que me ajudassem a ampliar os pontos de vista sobre a relação turismo–casas noturnas, fiz cinco entrevistas semiestruturadas¹³ com representantes de três organizações. Busquei extrair as principais categorias assim como suas oposições, com o objetivo de possibilitar a apreensão do significado de maneira relacional.

Categorias complementaridade, somar e agregar. São recorrentes nas falas de todos os entrevistados quando está em jogo a relação turismo e casas noturnas. Contudo, casas noturnas ainda não aparecem como relacionadas à prostituição. Assim, para o representante da Organização “A”, há “uma relação de complementaridade; estes estabelecimentos complementam a atividade turística da cidade. Não se vem à cidade para ir a casas noturnas”. O funcionário da prefeitura argumentou que :

As Casas Noturnas em Juiz de Fora agregam valor às potencialidades turísticas da nossa Cidade. Podemos exemplificar com[sic] Casa Noturna Privilege, para a qual muita[sic]

¹³ Duas foram feitas com um funcionário da prefeitura de Juiz de Fora (prefiro omitir não só seu nome como também o setor em que ele trabalha) em momentos distintos; a segunda, foi feita com o presidente de um sindicato patronal que chamarei de organização “A”; a terceira e quarta com representantes de uma organização sem fins lucrativos responsável por fomentar o turismo na cidade e que estarei chamando de Organização “B”. Ambas também foram feitas em momentos distintos.

pessoas de cidades próximas e até do Rio de Janeiro vem[sic] para aproveitar a noite e retornam para suas cidades no dia seguinte”. Ele afirma, ainda, que “as casas noturnas agregam valor às potencialidades de Juiz de Fora e, uma vez que as pessoas vem aqui com o intuito de aproveitar as opções de casa noturna, podemos vislumbrar a divulgação de outras potencialidades da cidade.

Categoria casas noturnas, *night clubs* e boites. Sobre essas categorias, o representante da organização “A” relata que: “O sindicato entende por casas noturnas como sendo estabelecimentos de lazer com prioridade para músicas e *shows*”. Na primeira entrevista realizada com o funcionário da prefeitura, ele informa que “entende-se por estabelecimento comercial voltado para diversão, geralmente com música ambiente, espaço para dança, socialização e venda de bebidas alcoólicas. Dentro desta definição incluem-se bares, boates, danceterias, teatros, casas de *shows* e espetáculos”.

Ainda estamos diante de uma categoria que não informa sobre a relação entre turismo e prostituição na cidade. Música, *shows* e espetáculos, essas são algumas das categorias acionadas para se pensar as diferenças entre casas noturnas, *boites* e *night clubs*. O representante da organização “A” argumenta que “esses estabelecimentos fazem parte da mesma segmentação: entretenimento noturno. O primeiro (casas noturnas) é mais voltado para música, o segundo e o terceiro (*boites* e *night clubs*) para *shows*. Exceto o Sayonara que tem *shows*, espetáculos”.

No relato do representante da organização “A”, *shows* e espetáculos explicitam a prática da prostituição. Mas isso não aparece de forma clara em seu relato. O funcionário da prefeitura assinala que não há diferença entre casas noturnas e *boites* em seu primeiro relato. Em um site da prefeitura de Juiz de Fora, aparecem juntos os nomes e endereços de várias casas noturnas. O funcionário da prefeitura argumentou que:

Essa questão é um pouco complicada. Há uma diferença moral entre esses lugares. Não que seja ruim para a imagem da cidade ter esses lugares (casas noturnas com a prostituição como foco central), mas, se associar, parece que tudo é a mesma coisa. Seria ruim para a imagem da cidade e dos estabelecimentos que não fazem parte desse tipo de segmento que essa associação fosse feita. Não porque um é melhor que outro, mas com certeza algumas pessoas procuram esses lugares e outras não. A

prefeitura não embarga esses lugares e não tem interesse em fechá-los.

Ele me relatou, ainda, que “já havia detectado esse erro há algum tempo e que já havia solicitado que o site separasse esses estabelecimentos”. Ele me disse que naquele mesmo dia tomaria alguma medida para que essa separação ocorresse e que a coisa era bastante simples, bastando apenas alguém responsável pelo setor providenciar a separação. Nessa parte do depoimento do funcionário da prefeitura, misturar, associar e confundir estabelecimentos em que há a prática da prostituição e aquelas em que isso não ocorre pode ser algo que comprometa a imagem tanto da cidade quanto desses estabelecimentos. Casas noturnas não informam imediatamente que estamos tratando de práticas como a prostituição. Por outro lado, quando explicitamos a categoria prostituição, fica claro que casas como Sayonara e Blitz Girls, além de outras menos conhecidas, exploram tais atividades.

Em uma segunda entrevista com o funcionário da prefeitura discutíamos sobre como as casas noturnas em que há prostituição fazem parte do turismo na cidade. O funcionário me disse que esse é um tema problemático, “que não se fala, não se menciona e que fica escondido, oculto”. O funcionário me disse ainda que muitos gostariam de ver o tema pensado e problematizado. Já em sua segunda entrevista, o funcionário da prefeitura assinala que “do ponto de vista formal, boites e casas noturnas não nos permitem diferenciar imediatamente estabelecimentos em que há prostituição e aquelas em que não há”. Por outro lado, quando nomes como Blitz Girl e Sayonara são mencionados, o funcionário compreende que se tratam de casas noturnas que se diferenciam das demais por seus *shows* com dançarinas e a existência de prostituição em seus recintos. Isso me ajudou a perceber que os termos casas noturnas, *boites* e *night clubs* não evidenciam, à maior parte das pessoas, de imediato que estejamos falando de ambientes em que há a prática da prostituição.

Turismo de eventos em oposição a turismo sexual e prostituição. Aqui, o sentido de que há casas noturnas em que ocorre a prática da prostituição começa a ficar explícito. Segundo o representante da organização “B”, “o turismo de eventos tem que apresentar, junto, algo para o lazer; as pessoas viajam, sim, para os eventos, mas querem encontrar, no destino, algo para se divertir após a sua “missão” cumprida e as casas noturnas representam um atrativo”. Um outro membro da organização “B”, uma funcionária, assinala que “o turismo é tudo para a cidade; buscamos o desenvolvimento econômico e geração de renda e a melhoria da comunidade; queremos

colocar quem não está no mercado, no mercado”. Ainda de acordo com ela, a relação da organização “B” com as casas noturnas é “apenas de divulgação”. Quando o significado sobre garotas de programa fica mais explícito, o representante da organização “B” informa que “os clientes que perguntam sobre esses lugares, e aqueles que se interessarem, que os procurem para se divertir”. Para esse representante, “é importante essa opção de entretenimento na cidade”. Ele sugere ainda, em seu relato, a melhoria das casas noturnas. Inclusive, informa que “não há uma associação dos donos desses lugares”. Isso é significativo nos discursos, pois assinala para uma certa desorganização do setor, o que pode ser revelador de conflitos e tensões. É nesse sentido que o representante da Organização “B” acha importante a “criação de uma associação para que se discuta melhorias e preços”. Em Juiz de Fora, em “função do atendimento recebido das casas noturnas (sendo elas *Boates*, *Night Clubs* e etc.), muitas pessoas voltam e até recomendam-nas”. Segundo o representante da Organização “B”, “há até sites adultos, onde são feitas essas recomendações”. Mas, em seu relato, não soube precisar quais. Por fim, ele diz que “um dos projetos da Organização “B” é uma revista intitulada “Revista do Hotel”, onde o turista vai encontrar várias informações inclusive sobre *Night Clubs* e *Boates*, informações essas dedicadas ao público adulto também”. Em oposição, os relatos da funcionária da mesma organização explicitam que “o turismo sexual não é bom para a cidade; representa uma imagem negativa”. Podemos perceber claramente uma oposição entre o primeiro e o segundo relato em torno da relação prostituição e casas noturnas. Quando a categoria prostituição foi mencionada durante a entrevista, a casa noturna Sayonara é identificada no discurso do funcionário da prefeitura. Ele argumenta que “não pode responder pela prefeitura, pois não é a pessoa capaz de responder por ela”. Contudo, ainda assim, relata que: “Não é crime, desde que não haja cafetinagem”. Então, perguntei acerca de cidades que têm na prostituição um de seus principais atrativos, e o funcionário da prefeitura argumenta que: “Em Juiz de Fora não seria dessa maneira. Quem vem à cidade não vem para ir a lugares como o Sayonara, embora alguns turistas de negócios frequentem esses lugares”. Foi preciso que eu mencionasse a categoria prostituição. Indaguei ao funcionário da prefeitura sobre a expressão do turismo de negócios na cidade. O funcionário relata que o turismo de negócios “é o que movimenta parte significativa da economia da cidade”. Ele me disse ainda que muitos turistas a negócio frequentam casas noturnas e que informações sobre esses estabelecimentos

podem ser “obtidas nos jornais da cidade assim como junto aos próprios hotéis em que estão hospedados”. A funcionária da organização “B”, por sua vez, argumenta que “não conhece e não sabe nada sobre a prostituição em Juiz de Fora”. Segundo ela, “eu nunca fui, não vi, não tenho como saber”. Sobre a relação entre casas noturnas e prostituição, a funcionária da organização “B” argumentou que se trata de uma classificação que não é clara, pois, “na definição do que seja uma casa noturna, *boite* ou night club, não está dada explicitamente a ideia de que haja prostituição nem nenhuma relação com o turismo”. O aspecto central em sua fala é o acionamento explícito da categoria prostituição e sua relação com casas noturnas. A funcionária mostra que, com o tempo, há mudanças no significado das palavras. Ela diz que “por exemplo, *boite*, no meu tempo, era algo como Sayonara; o Sayonara é um night club; não é casa noturna ou *boite*”. Ela ainda explicita que: “A organização “B” é contra o turismo sexual... não é bom para o Brasil, nem para a cidade”. Perguntei à funcionária se a organização B divulgaria um associado como a *boite* Sayonara. Ela me disse que “somente divulgaria o estabelecimento para eventos normais; vendemos como qualquer outro”. Esse é outro ponto importante da entrevista. A funcionária da organização “B” narra que “divulga uma programação normal; normalmente, programação cultural”. A funcionária da organização “B” ressalta, em uma outra entrevista, que há diferenças entre casas noturnas: As casas noturnas “são um importante atrativo”. A *boite* Privilège, por exemplo, uma das mantenedoras da organização “B”, é citada como sendo um desses atrativos. Perguntei à funcionária se uma casa noturna como a Sayonara seria aceita pela diretoria da organização “B”. A resposta foi a de que isso “seria passado à diretoria”. De acordo com a funcionária, a organização “B” capta o evento e apresenta ao organizador os locais que irão operar como atrativos. Desde que seja um associado, a Organização “B” divulga-o junto aos organizadores de eventos “aproximando as empresas”. Sobre divulgar casas noturnas ligadas à prostituição, ela afirma que: “A entidade não aposta nisso; jamais faríamos isso; queremos uma cidade com uma cara boa e o turismo sem apelos, com espaços legais”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse primeiro trabalho, evitei intencionalmente adentrar as casas noturnas em que há prostituição em Juiz de Fora, assim como entrevistar garotas de programa que trabalhem nesses lugares. Busco conhecer

alguns dos sentidos e significados sobre casas noturnas, turismo e prostituição em Juiz de Fora a partir do olhar de: 1 – alguns de seus usuários; 2 – um funcionário da prefeitura; 3 – um representante de um sindicato patronal ligado ao ramo hoteleiro da cidade; e 4 – um representante de uma organização fomentadora do turismo na cidade e de um de seus funcionários.

As casas noturnas de Juiz de Fora representam um campo polissêmico e polifônico. Há muitos significados e representações em jogo, assim como inúmeros conflitos, contradições e tensões. O turismo em Juiz de Fora não se resume àqueles bens eleitos como sendo os mais caros para determinadas camadas detentoras do poder político e econômico da cidade, como o Museu Mariano Procópio, Cine Theatro Central, Calçada Halfeld, Morro do Imperador ou do Cristo, Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, etc. Casas noturnas que oferecem diversão com garotas de programa são também um dos elementos mais ativos e dinâmicos do turismo na cidade. Contudo, essa dimensão do fenômeno turístico da cidade ganha ares de algo proibido e impróprio, algo impuro mesmo de se nomear e mesmo de se propagandear.

Para seus usuários, especificamente turistas de negócios que encontrei em um site da internet, casas noturnas aparecem como um espaço de lazer noturno, sobretudo depois de uma viagem cansativa ou ao final do trabalho. Há uma verdadeira rede de turistas de negócios que frequentam casas noturnas, não só em Juiz de Fora como também nos mais diferentes lugares em que estejam trabalhando. Como estão longe de suas casas e do olhar de suas esposas, não veem como problemática sua saída; muito ao contrário, é algo institucionalizado, fazendo parte da viagem a trabalho.

Através dos relatos de funcionários e de representantes de três organizações da cidade de Juiz de Fora, casas noturnas em que há prostituição não são localizadas ou classificadas da mesma forma que lugares e seus atrativos turísticos tradicionais. Seu valor, quando há, é menor ou complementar aos demais atrativos turísticos. Invariavelmente, casas noturnas são vistas como problemáticas, principalmente quando se acena com a possibilidade de pô-las em contato com o turismo tradicional e seus atrativos. Mesmo o representante da organização “B”, que em sua fala não via maiores problemas nas casas noturnas em que há prostituição, não chega a explicitar uma possível integração dessa atividade ao roteiro turístico da cidade de uma maneira clara e transparente. Tal como os *books* de garotas guardados em segredo da maior parte dos hóspedes dos hotéis da cidade, as casas noturnas

também são deixadas em uma espécie de sombra ou zona esmaecida do significado. Somente o funcionário da prefeitura acenou com a possibilidade de que casas noturnas em que há prostituição seriam mais uma forma de turismo, sem prejuízo do turismo tradicional. Contudo, acredita que, no atual quadro de forças políticas, acha impossível que tais lugares venham a compor lado a lado o conjunto turístico e de atrativos da cidade. Mas, mesmo quando a relação prostituição e casas noturnas é vista como sendo mais uma atração na cidade, ainda assim elas são vistas à parte do turismo oficial, feito de dia, motivo de honra e orgulho para a cidade e seus moradores.

As ideias de Douglas (1976) sobre fronteira, limites, sujeira, poluição e ordenação são importantes à análise da forma como o turismo é construído como sendo dotado de qualidades superiores, esteticamente agradáveis e moralmente corretas. Fazendo minhas as palavras de Douglas (1976), afirmo que casas noturnas são classificadas como sujeira em função de contradizerem uma classificação ideal. Toda ordem ou sistema implica em formas de demarcar, separar, purificar, como afirma Douglas (1976); afinal, lidamos com um mundo onde as sensações, impressões e experiências são infinitas e não estão organizadas previamente. Precisamos instituir alguma forma de ordem para justamente evitar o caos. E isso é ainda mais verdadeiro para as margens de qualquer sistema de classificação. Impedir ou evitar misturar, aproximar e classificar casas noturnas em que há prostituição com o turismo tradicional é uma forma de evitar confusão, desordem e ambiguidade, o oposto da desordem que ameaçaria o que está no centro. Em poucas palavras, instituir uma ordem onde não haja dúvidas ou margem à confusão. À medida que casas noturnas ocupam os limiares/fronteiras ou ainda as margens do sistema cultural e social de valores da cidade, pelo menos para uma parte significativa de seus moradores, são vistas como problemáticas e fonte potencial de contaminação do que está no centro, do que é valorizado: o turismo tradicional e seus atrativos que giram em torno de uma noção de cultura como erudição. Acredito que na medida em que problematizo os aspectos do que está nas margens do turismo e mesmo nas margens do quadro geral de valores de uma sociedade, consigo explicar a forma como casas noturnas e prostituição são classificadas. Mas é justamente à medida que essa relação, que não é natural, mas socialmente e culturalmente instituída, é trazida à discussão através de uma perspectiva relativista, que podemos colocar em suspensão muitos de nossos valores, olhares e

classificações, que nos são dados pelo viés da hierarquia e do estereótipo.

Começa a ficar um pouco mais claro o papel e o lugar das casas noturnas no turismo da cidade. Quando relacionadas à prostituição, casas noturnas são vistas como uma ameaça capaz de contaminar e poluir a ordem que é o turismo tradicional, visto como legal, sem apelos, cultural. Mantidas a uma espécie de distância relativa do turismo tradicional, casas noturnas em que há prostituição se encontram posicionadas relacionalmente aos principais atrativos da cidade como complementares e agregadoras de algum valor, ainda que problemático e ambíguo. Não estão no centro do turismo, mas na periferia; em suas margens. Por isso mesmo, pela sua posição ambígua, marginal e liminar, sujeita à confusão, principalmente quando algo de casa e de rua se misturam nesses espaços, e vistas como sujeira; logo, ameaça à ordem do turismo tradicional.

REFERÊNCIAS

- ACESSA.COM. Disponível em: <<http://www.acesa.com/cgi-bin/jfmapas/jfmapasconsdet?s=163>>. Acesso em: 4 fev. 2007.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1980.
- BECKER, H. S. As regras e sua imposição. In: BECKER, H. S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.108–122.
- CASTRO, Celso. Antes das praias. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n.28, p. 70–76, fev. 2006.
- _____. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.80–87.
- DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23–35.
- _____. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- DUMONT, Louis. *O individualismo. Homo hierarchicus*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GPGUIANET. Disponível em: <www.gpguia.net>. Acesso em: 04 fev. 2007.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. p.328–366.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/>. Acesso em: 4 fev. 2007.
- REVISTA MARIE CLAIRE. Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML815233-1740,00.html>. Acesso em: 28 mar. 2007.
- ROCHA, E. P. G. *O que é etnocentrismo?* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. “Tempo de casa” ou “carteira manjada”: notas para um estudo de construção da identidade. Comum. Rio de Janeiro: *FACHA*, v. 2, n.8, p.44–64, 1981.
- SANTOS, R. J. Imagens do turismo, cultura e lugares híbridos em Gramado e Canela, RS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* p.14.
- SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* p.15.
- _____. Samba no Galeão: corpo, cultura e representações do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL – ENTBL, 8., 2004, Curitiba. *Anais...* p.15.
- SIQUEIRA, Euler David. 2006a. O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – RBA. 25., 2006, Goiânia. *Anais...* CD-ROM.
- _____. Para uma etnografia do cartão-postal: destaque para a garota carioca. In: SEMINTUR MERCOSUL, 4., 2006, Caxias do Sul. *Anais...* CD-ROM.
- _____. Ritual, turismo e cultura: o aeroporto do Galeão como lugar de passagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. *Anais...* CD-ROM.
- SHALLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36–46.

Enviado em 23/05/2011.
Recebido em 24/05/2011
Texto convidado